

GYÖRGY LUKÁCS: COMPREENDENDO A REPRODUÇÃO DA VIDA EM SOCIEDADE POR MEIO DO TRABALHO E DA EDUCAÇÃO

Geraldo Augusto PINTO*¹
Gleicy SGARGETTA*²

Palavras-chave: Educação. Ontologia. Sociabilidade. Trabalho.

1. O trabalho como fundamento da vida em sociedade

György Lukács (1885-1971), em sua obra de maturidade “Por uma ontologia do ser social” construiu profundas reflexões acerca da constituição e desenvolvimento da história dos homens. Para Lukács o trabalho é o momento fundante de todo o desenvolvimento da sociabilidade humana. Ele possibilita o salto ontológico que transforma o ser humano de um ser puramente natural ao ser social, sendo a base da reprodução deste e, portanto, do processo de auto-criação humana, o que nos leva à compreensão de que os homens são os únicos sujeitos responsáveis por sua história, portanto, que apenas eles são capazes de atualização das possibilidades de sua emancipação. Nas palavras de Lukács(s/d, p.112):

[...] A própria história traz à luz um estado de coisas bastante simples, mas ontologicamente fundamental: o trabalho é capaz de suscitar no homem novas capacidades e novas necessidades, as conseqüências do trabalho vão além do quanto nele é imediata e conscientemente posto, fazem nascer novas necessidades e novas capacidades de satisfazê-las, e enfim – no âmbito das possibilidades objetivas de qualquer formação determinada – na “natureza humana” este crescimento não encontra limites traçados a priori.

Por meio do trabalho o ser humano produz sua existência, constrói modos de organização da vida em sociedade se afastando cada vez mais dos limites das barreiras da

¹Geraldo Augusto Pinto, Doutor em Sociologia pela Unicamp, Docente da Unioeste (Foz do Iguaçu), na graduação em Pedagogia e no mestrado *stricto sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras. É coordenador do projeto de pesquisa “O trabalho e a educação na ontologia do ser social de György Lukács” e líder do “Grupo de Pesquisa em Estado, Sociedade, Trabalho e Educação”, ambos na Unioeste. É pesquisador do “Grupo de Pesquisa: Estudos sobre o Mundo do Trabalho e suas Metamorfoses” (Unicamp) e membro da Rede de Estudos do Trabalho (RET). Autor do livro “A organização do trabalho no século 20: taylorismo, fordismo e toyotismo”, publicado pela Ed. Expressão Popular. geraudoaugusto@hotmail.com

²Gleicy Sagretta, Licenciada em Letras pela Unioeste (Foz do Iguaçu), onde atualmente cursa a graduação em Pedagogia, desenvolvendo a pesquisa de iniciação científica (Fundação Araucária) “György Lukács: uma análise da educação e do trabalho como fundamentos para uma nova sociabilidade”, sob orientação do Prof. Geraldo Augusto Pinto. É pesquisadora-colaboradora do projeto de pesquisa “O trabalho e a educação na ontologia do ser social de György Lukács” e membro do “Grupo de Pesquisa em Estado, Sociedade, Trabalho e Educação”, ambos na Unioeste. gleicy.sagretta@hotmail.com

natureza, sem jamais se desvencilhar completamente delas. Pois, o ser humano, embora produza constantemente novas formas de organizar a vida em sociedade, novas necessidades e novas formas de satisfazê-las, sempre será um ser natural. Nas palavras de Lukács (s/d, p.111):

[...] Em primeiro lugar, o trabalho (e toda atividade humana, que, em última análise, por ele se mova e nele desemboca) põe cada indivíduo frente a tarefas novas e cuja execução suscita nele novas capacidades; em segundo lugar, os produtos do trabalho satisfazem as necessidades humanas de um novo modo, que se afasta, cada vez mais, da satisfação biológica, mas sem chegar nunca à ruptura total com ela. Em suma, o trabalho e os produtos do trabalho introduzem na vida continuamente novas necessidades, até aquele momento desconhecidas, e com elas, novas maneiras de satisfazê-las. Em uma palavra: enquanto tornam a reprodução da vida humana sempre mais variada e complexa, levando-a cada vez mais distante daquela biológica, ao mesmo tempo também transformam o homem autor da práxis, o afastando cada vez mais da reprodução biológica da própria vida.

Ao ir à natureza para suprir suas necessidades básicas de sobrevivência e reprodução, o homem transforma a natureza ao tempo em que transforma a si mesmo. Neste transformar a natureza através do característico “pôr teleológico” do seu trabalho – expressão clássica de Lukács –, o homem supera (assume e vai além da) sua esfera existencial puramente animal (orgânica) e, sem abandoná-la, dirige-se a uma esfera qualitativamente distinta, a do ser social:

[...] Portanto, para entender em termos ontológicos corretos a reprodução do ser social, é necessário, de um lado, ter em conta que seu fundamento ineliminável é o homem com sua constituição física, com a sua reprodução biológica; e, de outro não perder jamais de vista que a reprodução se desenvolve num ambiente cuja base é certamente a natureza, mas que, não obstante, é sempre e cada vez mais modificado pelo trabalho, pela atividade dos homens, da mesma forma a sociedade, na qual se verifica realmente o processo reprodutivo do homem, encontra cada vez menos já “prontas” na natureza as condições da própria reprodução as quais, ao contrário, ela cria mediante a práxis social dos homens. Trata-se daquele processo de afastamento da barreira natural do qual falamos muitas vezes e sob diversos aspectos (LUKÁCS, s/d, p.11).

Ao se afastar cada vez mais das barreiras naturais, por meio do trabalho o ser humano desenvolve mediações necessárias para a organização da vida em sociedade. A linguagem, o

direito, a filosofia, a ciência e a própria educação no decorrer da história da sociabilidade humana constituem mediações que permitem essa organização da vida em sociedade.

2. Trabalho: reprodução da vida

Para Lukács, assim como para Marx, a gênese do ser social está no trabalho. É o trabalho humano que possibilita aos homens produzirem sua existência, desenvolverem-se e relacionarem-se entre si de forma cada vez mais complexa. Segundo Lukács:

[...] O trabalho tem um significado fundante para a especificidade do ser social, do qual ele funda todas as determinações. Todo fenômeno social, por isso, pressupõe direta ou indiretamente, talvez mais indiretamente, o trabalho com todas as suas conseqüências ontológicas (LUKÁCS, s/d, p.1).

Nessa perspectiva, toda atividade humana orientada a um fim pressupõe atos de trabalho. O trabalho possibilita ao ser humano que o realiza produzir mais do que ele necessita para produzir sua própria existência. Para Lukács (s/d, p.1) “[...] o trabalho teleologicamente posto, contém em si, desde o início a possibilidade (dynamis) de produzir mais do que o necessário para a simples reprodução daquele que realiza o processo de trabalho.”

Essa produção por meio do trabalho cujo o resultado excede o necessário para a reprodução da vida do trabalhador que a realiza, no desenvolver da sociabilidade humana passou por muitas etapas, cada qual fundada sobre uma determinada forma de exploração do trabalho configurando diferentes modos de produção: da escravidão à servil e destas ao assalariamento, no atual modo de produção de alto desenvolvimento tecnológico, o capitalista.

O alto desenvolvimento tecnológico aliado às formas de exploração do trabalho permitem elevar significativamente os níveis da produção de excedente, possibilitando ao homem mais tempo livre para desenvolver outras aptidões de seu interesse. Porém, até o momento histórico atual, os homens não se organizaram nessa perspectiva e não utilizaram a produção de excedente para construir uma sociabilidade humana livre, emancipada. Segundo Lukács:

[...]o simples fato de que o desenvolvimento das forças produtivas – em-si, conforme a sua essência – coincide com a elevação das capacidades humanas mas, no seu modo de manifestação pode – também aqui por uma necessidade social concreta – provocar um aviltamento, uma desfiguração, o auto-estranhamento dos homens (s/d, p.129).

A sociabilidade humana atual, que se apóia no modo produção capitalista, concentra a produção de excedente nas mãos de poucos por meio da mais-valia, expropriando o trabalhador de sua produção, de seu tempo livre, de desenvolver suas múltiplas possibilidades e aptidões. Ao estudar *O capital* de Marx, Lukács explicita que:

[...] A primeira forma de apropriação do trabalho excedente à auto-reprodução é, obviamente, a violência pura. A sua organização, que originalmente servia à defesa, a ampliação, etc. do espaço reprodutivo natural do homem adquire, agora, uma nova função: garantir a apropriação do trabalho excedente à auto reprodução de outros homens (s/d, p.90).

A produção do excedente um dos pilares para se construir uma comunidade autenticamente humana e livre, permitiu o surgimento de uma sociabilidade capitalista desumana. Pois, apesar da deturpação, do uso inadequado e desumano do excedente da produção do trabalho humano, é exatamente este um dos fundamentos para se construir uma sociabilidade livre e emancipada:

[...] Mas – qualquer que seja o horror ideológico que tome algum teórico frente à expressão mais-valia – também o reino da liberdade no socialismo, a possibilidade de uma época sensatamente livre, também repousa sobre esta peculiaridade fundamental do trabalho produzir mais do que seja necessário para a reprodução do trabalhador (LUKÁCS, s/d, p. 2).

Ou seja, pensando em um modo de sociabilidade contraposto ao capitalista, cujo a prioridade seja a liberdade humana, Lukács argumenta que também nesta será necessária a produção em excedente, porém, nela o ser humano não esgotará suas forças, nem será expropriado de seu trabalho como ocorre na sociabilidade capitalista.

O trabalhador que produz excedente, na sociabilidade capitalista, não vê retornar a si sua produção, que fica nas mãos do detentor dos meios de produção, na forma de lucro. Nesse sentido Lukács citando Marx, argumenta que:

[...] De um lado o processo de produção converte continuamente em capital, isto é, em meios de valorização e de usufruto para o capitalista, a riqueza dos materiais. De outro lado o operário sai constantemente do processo como nele entrou: fonte pessoal de riqueza, mas despojado de todos os meios para realizar para si esta riqueza. Dado que antes da sua entrada no processo o seu próprio trabalho lhe foi estranhado, apropriado pelo capitalista e incorporado ao capital, durante o processo o seu trabalho se objetiva constantemente em produtos alheios. Dado que o processo de produção é, ao mesmo tempo, processo de consumo de força-de-trabalho por parte do capitalista, o produto do trabalhador não apenas se converte continuamente em mercadorias, mas também aqui em capital: valor que suga a força criadora de valor, meios de subsistência que compram pessoas, meios de produção que empregam o produtor. O próprio operário, portanto, produz constantemente a riqueza objetiva em forma de capital, potência estranha a ele, que o domina e o explora, e o capitalista produz não menos constantemente a força-de-trabalho em forma de fonte subjetiva de riqueza, separada dos meios de objetivação e da realização abstrata, que existe na pura e simples corporidade do operário, em poucas palavras, ele produz o trabalhador como operário assalariado (s/d, p. 157).

O atual modo de produção, portanto, ao mesmo tempo em que impulsiona a totalidade social a um alto desenvolvimento tecnológico, sacrifica o ser humano ao expropriá-lo de sua produção e da possibilidade desenvolvimento de suas capacidades humanas. Segundo Lukács:

[...] o desenvolvimento das forças produtivas provoca diretamente um crescimento das capacidades humanas, mas pode ao mesmo tempo e no mesmo processo sacrificar os indivíduos (classes inteiras). Esta contradição é inevitável, já que implica a existência de momentos do processo social de trabalho, que nós tínhamos visto em análises anteriores, como componentes inelimináveis do seu funcionamento como totalidade.

[...] O desenvolvimento das forças produtivas é necessariamente também o desenvolvimento das capacidades humanas, mas – e aqui emerge plasticamente o problema da alienação – o desenvolvimento das capacidades humanas não produz obrigatoriamente aquele da personalidade humana. Ao contrário: justamente potencializando capacidades singulares, pode desfigurar, aviltar, etc. a personalidade humana (s/d, p. 2).

Um dos mecanismos da sociabilidade capitalista para sua manutenção e perpetuação é manter alienada a consciência do trabalhador, para tanto se utiliza de aparelhos ideológicos, como as instituições de ensino, o ordenamento jurídico, os meios de comunicação de massa, dentre outros.

3. Conscientização e educação: fundamentos para uma nova sociabilidade

Marx, Engels e Lukács, entre outros grandes teóricos, nos demonstram em seus escritos que para se chegar a uma sociabilidade livre e emancipada será necessário revolucionar a divisão social do trabalho, romper com a propriedade privada dos meios de produção. Só por meio dessas transformações na sociedade os seres humanos se constituirão, em sua totalidade, em trabalhadores efetivamente livres, com tempo para desenvolver potencialidades adormecidas pelo capitalismo mediante o trabalho enfadonho que se impõe e esgota toda a energia do trabalhador.

Para romper com o modo de sociabilidade capitalista é preciso construir uma consciência emancipada nos trabalhadores, que permita a compreensão da realidade humana tal como ela é. É necessário que os indivíduos compreendam seu pertencimento à generidade humana, e a possibilidades de construção de uma sociabilidade autenticamente humana para que possam romper com a organização social estabelecida pelo modo de produção capitalista. Segundo Lukács:

[...] Desde o primeiro trabalho, como gênese da humanização do homem, até as mais sutis decisões psicológicas e espirituais, o homem constrói o seu mundo externo, contribui a edificá-lo e, aperfeiçoá-lo e, ao mesmo tempo, com estas mesmas ações, constrói a si mesmo, passando da mera singularidade natural à individualidade no interior de uma sociedade (s/d, p. 106).

Para que tal sociabilidade, essencialmente humana, seja erigida se faz necessária uma transformação na consciência dos indivíduos e da coletividade social. Neste sentido argumenta Lukács:

[...] somente seres humanos conscientes de si mesmos como indivíduos (não mais singulares que se diversificam apenas na sua particularidade em-si), são capazes de mediante a sua consciência, mediante as suas ações guiadas pela consciência, de converter em práxis humano-social, isto é, em ser - social, a generidade autêntica. Não obstante todas as desigualdades e contradições, o desenvolvimento da sociedade em escala histórico-universal impulsiona, paralelamente, para o nascimento da individualidade existente-para-si no homem singular e para a constituição de uma humanidade que, na sua

práxis, é consciente de si como gênero humano (LUKÁCS, s/d, p. 121).

Para alcançar essa necessária transformação na consciência individual e coletiva da sociedade Lukács destaca o papel de grande importância a educação³:

Com clareza ainda maior, se possível, emerge a peculiaridade específica do ser social naquele complexo de atividade que costumamos chamar educação. [...] Naturalmente, também aqui existem determinadas analogias nas espécies animais superiores. Mas estas passam aqui a segundo plano quando se percebe que a ajuda prestada pelos animais adultos aos seus filhotes se reduz a fazê-los aprender de uma vez por todas, ao nível da habilidade requerida pela espécie, determinados comportamentos que, pelas suas vidas, permanecerão constantemente indispensáveis. Na educação dos homens, ao contrário, a essência consiste em torná-los aptos a reagir adequadamente a eventos e situações imprevisíveis, novas, que se apresentarão mais tarde na vida (LUKÁCS, s/d, p. 15).

É essa característica da educação, a de tornar o homem “apto a reagir adequadamente” a novos imprevisíveis e diferentes eventos, que a constitui em um espaço de disputa, pois, por meio dela é possível moldar uma consciência alienada de um ser “em-si” e reproduzir a ideologia dominante, ou, ao contrário, contribuir para construir nos indivíduos uma consciência crítica e coletiva da sua realidade histórica tornando-os “seres-para-si”. Essa consciência nos seres humanos, de que são eles que constroem sua realidade, sendo participantes, e portanto, responsáveis pela história humana é que permitirá aos trabalhadores a organizarem-se e lutar para construir uma nova sociabilidade, que coloque no centro de suas prioridades a emancipação de cada indivíduo e de toda a comunidade humana.

4. Considerações finais

Lukács demonstra em sua “Por uma Ontologia do Ser Social” que a história é um campo de construção e auto-construção humana, e que a partir do salto ontológico do trabalho, o ser humano abriu caminho para um universo de possibilidades de organização

³ Utilizaremos aqui o conceito de educação expresso artigo 1 da LDB conforme Saviani (1990): A educação abrange os processos educativos que se desenvolvem na convivência humana, na vida familiar, no trabalho, nas instituições de ensino, de educação infantil, de formação profissional, de pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil, no esporte, no lazer, nas manifestações culturais e no contato com os meios de comunicação social. (SAVIANI; 1990, P.71)

da vida em sociedade. Ao longo dos séculos os seres humanos organizaram a produção da vida, material, assim como a reprodução da sua sociabilidade de formas distintas. Uma sociabilidade humana com base no trabalho livre e associado é uma construção ainda não alcançada, mas, segundo Lukács, não deixa de ser uma “perspectiva” possível, dado que a história humana não tem um fim teleologicamente posto, ou seja, um fim que já está dado desde o início. Nas suas palavras:

O termo perspectiva exige, no entanto, um duplo esclarecimento. Por um lado, se trata do conhecimento das linhas reais de desenvolvimento no movimento objetivo da economia. Portanto, a perspectiva não é um afeto subjetivo do tipo da esperança, mas o reflexo e a prossecução complementar, na consciência, do próprio desenvolvimento econômico objetivo. Por outro lado, todavia, este último, mesmo revelando uma tendência reconhecível no plano econômico e social, da qual a perspectiva é exatamente o reflexo e a expressão, não se apresenta, quanto à sua realização, nem como um evento fatal nem teleológico; ao contrário, depende das ações dos homens, das decisões alternativas que eles, enquanto seres que respondem, desejam e possam tomar frente a tal tendência. A qual, justamente porque é o produto de infinitas posições teleológicas, nem sequer ela, no seu decurso objetivo, tem algo a ver com um movimento teleológico qualquer em direção a uma ordem entendida como finalidade pré-determinada. Esta perspectiva pode ser finalidade posta apenas por posições teleológicas de homens singulares ou de seus grupos, onde as séries causais neles colocadas em movimento podem se tornar fatores objetivos da sua realização. Tal perspectiva é, para Marx, o comunismo como segundo estágio do socialismo. Na ótica ontológica na qual nos colocamos, portanto, podemos encará-la apenas como perspectiva. Porém concreta, à medida em que apenas esta estrutura da sociedade torna possível o surgimento real, em todos os dois pólos do ser social, do gênero humano como gênero não mais mudo (LUKÁCS, s/d, p. 164).

Nesta “perspectiva”, ao analisarmos a obra “Por uma ontologia do ser sócia” de Lukács, podemos compreender que o trabalho e a educação são, respectivamente, o fundamento material e a base ideológica através dos quais, por meio de uma relação dialética, se promovem rupturas e continuidades nas formas de sociabilidade humana. Compreendemos assim que, a educação e o trabalho constituem complexos indissociáveis e suas relações, possibilidades emancipatórias do ser humano. Ambos formam a base de uma consciência crítica, cujo objetivo é compreender e superar a realidade social de exploração do trabalho e da natureza no sistema

A construção de uma sociedade verdadeiramente emancipada e livre, portanto, só será possível por meio da conscientização dos seres humanos e de uma tomada de posição rebelada frente à desumana realidade social imposta pelo capitalismo. Pois, a história é um campo aberto pleno de possibilidades humanas.

Referências

LUKÁCS, György. A alienação. In: _____. **Per I'ontologia dell'essere sociale**. Tradução italiana de Alberto Scarponi. Roma: Reuniti, 1981. (Tradução de Maria Norma Alcântara Brandão de Hoalanda, disponível em: <[http://www.esnips.com/doc/fbf78ad5-eb68-4696-a704-74f1021deab6/György-Lukács---Alienação-\(Para-uma-Ontologia-do-Ser-social\)>](http://www.esnips.com/doc/fbf78ad5-eb68-4696-a704-74f1021deab6/György-Lukács---Alienação-(Para-uma-Ontologia-do-Ser-social)>)

_____. A reprodução. In: _____. **Per I'ontologia dell'essere sociale**. Tradução italiana de Alberto Scarponi. Roma: Reuniti, 1981. (Tradução das seções 1, 2, e 3, de Sérgio Lessa, disponível em: <http://sergiolessa.com/ontologia_all/novareproduc.pdf>.

_____. O trabalho. In: _____. **Per I'ontologia dell'essere sociale**. Tradução italiana de Alberto Scarponi. Roma: Reuniti, 1981. (Tradução de Ivo Tonet, disponível em: <http://sergiolessa.com/Novaartigos_etallil.html>